

# Al Aaraaf

Edgar Allan Poe

## Parte I

Oh! nada de terrestre além da luz  
do olhar (que em cada flor se reproduz)  
da Beleza, tal como em jardins, onde o dia  
de gemas circassianas se desata;  
oh! nada de terrestre, além da melodia  
trêmula do regato dentre a mata;  
ou (música de apaixonado peito)  
o canto de um prazer suavemente desfeito  
de que o eco há de, eterno, perdurar,  
como vive na concha a saudade do mar;  
nenhuma dor terrena, alanceante;  
porém toda a beleza e cada flor  
que o bosque enfeita e escuta o nosso amor,  
é que adornam o mundo tão distante  
daquela estrela errante.  
Para Nesace era esse um tempo abençoado,  
pois de quatro brilhantes sóis bem perto  
o seu mundo oscilava no ar dourado...  
Repouso efêmero... Oásis num deserto  
de venturas... e longe, longe, em meio  
a um luminoso mar, em que se alaga  
de fulgores do Empíreo o espírito liberto...  
a custo abrindo (tão espessa é a vaga)  
a estrada dos destinos celestiais,  
ela, de tempo em tempo, se encaminha  
a orbes distantes, e hoje ao nosso veio,  
favorito de Deus. Porém, rainha  
de reino bem mais firme, atira o cetro a um lado,  
deixa o leme e por entre hinos espirituais

banha em quádrupla luz seu corpo imaculado.

Será ela mais feliz, na terra suave e doce,  
distante, onde nasceu a “Idéia da Beleza”  
(caída em espirais da estrelada surpresa,  
qual trança feminil de pérolas cercada  
para em montes aqueus ter eterna morada)?

Olhou para o Infinito... e ajoelhou-se.

Nuvem linda à sua volta se recurva  
- zimbório que seu mundo reproduz -  
vista só na beleza e que não turva  
outra visão tão bela, a cintilar na luz...  
grinalda que entre os atos espirala  
e a enlaça-los colore o ar de opala.

Em flores ajoelhou-se, avidamente:

lírios como os que a fronte erguiam, de alabastro  
sobre o Cabo Deucato e, de repente,  
irromperam do chão, para encobrir o rastro  
fugitivo da que - soberba rara -  
morreu, tão-só porque um mortal amara;  
e a Sefálica, que de abelhas mil se inunda,  
ergue a haste purpurina e os joelhos lhe circunda;  
e a flor preciosa, a que um engano dava  
de Trebizonda o nome e que, habitando  
outrora os mais longínquos atos, quando  
tudo quanto era belo suplantava,  
dos céus seu mel dulcíssimo esparzia  
(o néctar dos pagãos) no orvalho que caía  
sobre o jardim do pária em Trebizonda e sobre  
a flor que a imita e que de sol se cobre,  
tão semelhante à sua irmã da altura  
que, hoje ainda, atormenta a abelha que a procura,

com sonhos e loucuras desvairadas;  
no céu, perto do céu, da bela planta  
a flor e as folhas onde, desoladas,  
e sua fronte, de dor, não se levanta,  
- remorso. das loucuras já passadas  
o seio de ar balsâmico a lhe inflar,  
bela que errou, e que é mais casta e linda;  
e ao perfumar a noite ela receia ainda  
as Nictantes sagradas perfumar;  
E Clítia, pensativa entre sóis numerosos,  
a face a rorejar de prantos invejosos;  
e a magnífica flor que na terra nasceu  
e morreu, mal a vida começara,  
rasgando o seio redolente, para  
que dos jardins de um rei sua alma fosse ao céu,  
e o lótus valisnério, que a torrente  
do Ródano atirou, após luta inclemente.  
e teu perfume rubro e encantador, ó Zante  
“Isola d`oro! Fior di Levante!”  
E do Netuno a flor, que ao deus do amor conduz  
a boiar sempre sobre o rio santo;  
flores magas a que é dado, em perfume, o canto  
da Deusa transmitir ao céu de luz.

“Deus! Espírito, que habitas  
lá onde, no céu profundo,  
o que é belo e o que é terrível  
na beleza se assemelham;  
para além da linha azul  
que marca um limite à estrela,  
mas quem à vista se desvia  
da barreira que lhe ergueste,  
da barreira ultrapassada

pelos cometas lançados  
de seu orgulho e seu trono  
para até o fim ser escravos,  
para conduzir o fogo  
vermelho, que arde em seu peito,  
incansáveis, em carreira  
sempre e sempre dolorosa;  
Tu, que vives (bem sabemos)  
na eternidade (e o sentimos),  
que espírito há de mostrar  
a sombra de tua frente?  
Embora tua mensageira,  
Nesace, encontrasse seres  
que à sua medida e imagem  
Teu Infinito sonhassem,  
tua vontade, ó Deus, foi feita!  
A estrela pairou, na altura,  
entre imensas tempestades,  
sob o teu olhar ardente;  
e hoje, a ti, em pensamento  
(pois só o pensamento pode  
ascender a teu império  
e partilhar de teu trono)  
pela Fantasia alada  
minha mensagem envio,  
até o dia em que o segredo  
se revele junto aos céus.”

Calou-se e mergulhou a face ardente e bela  
entre os lírios, humilde, a procurar  
abrigar-se do ardor de seu olhar;  
porque treme, ante Deus, a própria estrela.  
Nem respira, imóvel, pois ouvia

uma voz, dominando as amplitudes quietas,  
um rumor de silêncio, que aturdia  
o ouvido e que, em seus sonhos, os poetas  
“musica das esferas” denominam.  
O nosso mundo é feito de mil termos  
e chamamos “Silêncio” à quietude dos ermos,  
a mais vã das palavras existentes.  
A Natureza inteira fala e os entes  
imaginários, mesmos, disseminam  
sombrias de sons das asas de ficção;  
mas, ah! tal não se dá no reino alto e fulgente  
onde perpassa a voz de Deus, eternamente,  
e o vento rubro murcha na amplidão.

“Que importa, nesses mundos apagados,  
a um pequeno sistema e a um sol ligados,  
seja loucura meu amor a multidão  
minha cólera veja no trovão  
em tormentas, tremor de terra, iras do mar  
(por que vêm meu caminho irado assim cruzar?);  
que importa se, com um sol somente, em tais planetas,  
se extinguem, a correr, do Tempo as ampulhetas?  
Teu é meu resplendor; recebe-o e leva  
o meu segredo ao céu que mais se eleva.  
Voa, deixa deserto o cristal de teu lar,  
vai com tua corte pelo céu lunar  
(e apartando-vos, como, em noite siciliana,  
os pirilampos), leva em sua asa  
a outros mundos, a luz que agora de ti emana.  
Os mistérios a ti confiados revelam  
a cada mundo que a soberba abrasa;  
e por barreira os corações te tomem,  
barreira e maldição, para que a estrela

não vacile perante os crimes do homem.”

Pôs-se a virgem de pé na noite amarelada  
de um só lua! Aqui, na Terra, é só adorada  
uma lua e só de um amor fica a alma presa;  
não o possuía mais o berço da Beleza.

Como a estrela nascida em horas de alvorada,  
ergueu-se a virgem da florida alfombra  
e por montes de luz e planícies de sombra  
seguiu, sem, entretanto, abandonar ainda  
sua morada teraseana e linda.

## Parte II

Num cume de montanha em flor, alcantilada,  
tal como a que o pastor, imerso no seu leito  
de imensa pradaria, satisfeito,  
vê, atônito, erguendo a pálpebra pesada  
e “espero ser perdoado” então murmura,  
sob a luz que paira, há muito, na ampla altura;  
num cume cor-de-rosa, que se erguia  
no éter iluminado e recebia,  
à tarde, a última luz dos sóis morrentes:  
sobre esse cume, em plena noite, quando  
mais bela e estranha a lua vai dançando,  
é que se ergue um palácio; resplendentes  
colunas riem, cintilam no leve ar  
e o mármore de Paros, a faiscar,  
ri de novo, bem longe, sobre vaga  
que no abismo reflete essa montanha maga.  
É sua base de estrelas em fusão  
como, no ébano do ar, as que tombam e vão  
prateando, ao morrer, a mortalha que as veste,  
para assim adornar a morada celeste.

A abóbada, que ao céu prende radiosa tela,  
nas colunas, de leve, a coroá-las, se deita.  
Redonda, de um diamante, apenas, feita,  
olha o espaço purpúreo uma janela.  
E a luz vinha da mão de Deus, atravessando  
a cadeia meteórica, abençoar  
toda aquela beleza, a não ser quando,  
entre o Empíreo e esse liame, sacudia  
algum espírito a asa impaciente e sombria.  
Dos pilares tombou, dos serafins, o olhar  
nas trevas deste mundo; e as verdes cores graves  
e plúmbeas, que costuma a Natureza  
preferir para a tumba da Beleza,  
contornaram cornijas e arquivadas.  
E cada querubim, ali em volta esculpido,  
que olhava de seu lar marmóreo, comovido,  
parecia terrestre, em seu nicho, à penumbra,  
como estátua da Acaia, em região que deslumbra.  
Ó frisas de Balbec, Persépolis, Tadmor,  
da Gomorra de encantos abissais,  
oh, a onda hoje a vós se veio sobrepôr  
e é, para vos salvar, tarde demais!  
Gosta o som de brincar nas noites de verão;  
testemunha-o o rumor do entardecer cinéreo,  
que em Eiraco escutava, outrora, em seu mistério,  
quem contemplasse os astros da amplidão,  
e que ouve sempre quem, perdido ao longe o olhar,  
vê numa nuvem fusca a treva se adensar.

Não possui forma e voz mais palpável, sonora,  
Mas, que é isto? Alguém chega e traz, consigo, agora,  
um rumor musical... bater de asas parece...  
silêncio... e o som depois se arrasta e desvanece.

Nesace está de novo em sua linda morada.

O esforço da veloz carreira alucinada

fá-la ofegar e as faces lhe enrubesce;

e a faixa que rodeia os seios virginais

rompeu-se com o bater do coração.

Parou, a descansar, no centro do salão,

sob a mágica luz, que lhe beijava

o cabelo dourado, e que aspirava

repousar, porém só podia brilhar mais!

Cada flor jovem a outra flor e cada

árvore a outra, em doce melodia

suspirava, feliz, na noite iluminada.

E a música, a gemer dentre as fontes, caía

sobre bosques, que a luz das estrelas recobre,

vales vestidos de lua; mas sobre

as belas flores, as cascatas de ouro

e asas de querubins, o silêncio imperava;

e só o som a irromper do espírito era o coro

da encantada canção que a donzela cantava:

“Sob lianas, campânulas

e sebes de mata

que abrigam quem sonha

dos raios da lua,

erguei-vos, ó seres

de luz, que pensais

nos atos, que atônitos

dos céus extraístes

para, dentre as sombras,

sobre vós descerem,

como o olhar da virgem

que agora vos chama.



Erguei-vos dos sonhos  
por entre violetas,  
cumprindo os deveres  
desta hora estrelada.  
Sacudi das tranças  
pesadas de orvalho  
o hálito dos beijos  
que o repouso embalam!  
(sem ti, Amor, seriam  
felizes os anjos?),  
beijos de amor puro  
que o repouso embalam!  
Sacudi das asas  
tudo que as detém:  
que o orvalho da noite  
os vôos retarda.  
E as doces carícias  
deixai-as de parte!  
São plumas nas tranças,  
mas chumbo no peito.  
Ligéia! Ligéia!  
Tu, que és a mais bela  
e a mais rude idéia  
exprimes em música,  
será teu desejo  
na brisa embalar-te?  
Ou, calma, em descanso,  
como os albatrozes  
na noite estendidos  
(tal ficas nos ares),  
vigiar, encantada,  
a harmonia célica?

Ligéia, por onde  
surgir tua imagem,  
que magia pode  
soltá-la da música?  
Prendeste os olhares  
num sono de sonhos,  
mas erguem-se sempre  
cantos protetores  
de tua vigília:  
o ruído da chuva  
que salta nas flores  
e volta dançando  
no ritmo das gotas;  
e o rumor que brota  
da relva crescendo,  
música das coisas,  
não passam de cópias.  
Corre, então, querida,  
às fontes mais claras  
que jazem ao luar...  
ao lago ermo, rindo  
num sonho de morte,  
às ilhas de estrelas  
que o seio lhe adornam,  
e onde as flores toscas  
misturam as sombras,  
lá dorme, nas margens,  
multidão de virgens.  
Algumas, deixando  
a fria clareira,  
repousam com a abelha.  
Desperta-as, ó virgem,

na várzea e no prado.  
Sussurra, em seu sonho,  
de leve, no ouvido,  
o ritmo cantante  
que esperam, dormindo.  
Pois nada desperta  
mais rápido os anjos,  
que assim adormecem,  
sob a luz fria,  
do que o doce encanto  
nunca superado  
do ritmo cantante  
que embala o repouso.”

Anjos vieram, e espíritos alados,  
mil serafins cortaram os espaços,  
sonhos jovens aspirando em vôos estonteados...  
Seres que sabem tudo, exceto a Ciência, aquela  
luz que, ó Morte, caiu, refratada em teus laços,  
longe, do olhar de Deus, sobre a distante estrela.  
Doce era essa ignorância; e essa morte, mais doce.  
Doce era essa ignorância: em NÓS, o próprio alento  
da Ciência embaça o espelho da alegria.  
para eles, um simum arrasador seria.  
Que lhes adiantaria o atroz conhecimento  
de que a Verdade é Engano e a Ventura é Má Sorte?  
Era doce sua morte e, para eles, morrer  
de um vida saciada era o enlevo final;  
para além dessa morte inexistente o imortal,  
mas o sono que pesa é do “Não-Ser”.  
Possa minha alma, exausta, ali habitar do eterno  
Céu distante, e também tão distante do Inferno.  
Que espírito culpado, em seu bosque trevoso,

não ouviu, daquele hino, o apelo clamoroso?  
Dois só; caíram, pois o céu não dá perdão  
a quem só ouve o bater do próprio coração.  
A angélica donzela e o seráfico amado...  
Mas onde estava o Amor, o cego amor  
sempre fiel ao Dever austero? (Esforço vão  
e buscá-lo na célica amplidão.)  
Sem guia, o amor, caiu, desnortado,  
por entre “prantos de perfeita dor”.

Tombou: que belo espírito era esse!  
Vagueava pelas fontes que a hera veste  
a contemplar a luz da abóbada celeste,  
junto de seu amor, sonhando ao luar.  
Cada estrela não é qual doce olhar  
que sobre as tranças da Beleza desce?  
E elas, e as fontes, tudo era sagrado  
para seu coração, de amor povoado  
e de melancolia. A noite foi achar  
Ângelo, o jovem (noite de pesar)  
junto a escarpado monte, numa penha  
erguida sob o céu solene a que desdenha  
os mundos estelares a seus pés.  
Sentou-se com sua amada, o negro olhar,  
qual de águia, o firmamento a pesquisar.  
Para ela se voltou depois e, novamente,  
até a Terra desceu, tremulamente.

“Que débil luz, não vês, querida lante?  
Como é delicioso olhar tão longe assim!  
Bem diversa, naqueles outono, para mim  
era ela, quando à tarde abandonei,  
sem lastimar, seu paço fulgurante,

ó tarde que jamais esquecerei!

Beijava o sol morrente, em Lemnos, com magia  
o arabesco salão dourado em que jazia,  
os tapetes sem conta, os meus olhos fechados,  
sob o peso da luz na noite mergulhados,  
e antes cheios de amor, das flores, da neblina,  
que no seu Gulistan evoca o persa Saadi.  
Mas essa luz!... Dormi... E a Morte invade  
os meus sentidos, na ilha peregrina,  
tão de leve, que nem sequer pressente  
o adormecido, que ela está presente.

“O último ponto então por mim pisado  
foi Parthenon, o templo sublimado.  
Suas colunas são de maior maravilha  
do que a beleza que em teu seio brilha;  
e quando o Velho Templo soltar veio  
minhas asas, alcei meu vôo, alcei-o  
como águia que da torre se alcandora,  
vendo fugirem séculos numa hora.  
Enquanto assim nos ares me embalava,  
metade do jardim terreno se mostrava  
a meus olhos, tal como um mapa aberto,  
com sua ermas cidades do deserto.  
E tanta era a beleza, lante, ali presente,  
que quase desejei ser homem novamente.”

“- Meu Ângelo! E por que a eles voltar,  
se aqui possuiis mais luminoso lar,  
campos mais verdes que nesse mundo afastado,  
carinhos feminis... e amor apaixonado?

“- Mas ouve, lante! Quando o ar me faltou,

tão suave, e a alma às alturas se lançou,  
talvez numa vertigem, cuidei ver  
o mundo, que eu deixara, a abismar-me num caos,  
turbilhonando, ao léu de ventos maus,  
rolando em chamas no ígneo firmamento.  
Querida, então julguei que, em lugar de ascender,  
eu caía, num lento movimento  
oscilante, através de luminosa estrada,  
até pousar em áurea estrela: nesta!  
Mas foi rápido o tempo da descida,  
pois era a tua estrela a menos distanciada...  
Terrível astro! a vir, numa noite de festa,  
como um Dédalo rubro, à Terra comovida.”

“-Viemos... Só os da terra... mas não nós...  
da deusa podem discutir a voz:  
viemos de toda parte, meu amor,  
pirilampos alegres, em revoada,  
não indagues por quê; basta que o visse impor,  
num gesto angelical, ELA, por Deus mandada.  
Jamais o velho tempo, Ângelo, se deteve,  
sobre mundo mais velo a abrir a asa de neve!  
O olhar dos anjos, do pequeno e baço  
globo não via mais que o fantasma, no espaço,  
quando Al Aaraaf lançou-se a atravessar,  
para alcança-lo, o mar que se constela!  
Mas quando sua glória aos céus veio pompear,  
como a Beleza, exposta a olhar terreno, brilha,  
detivemo-nos, ante a humana maravilha,  
e, tal como a Beleza, estremeceu a estrela.”

Os amantes assim falavam e escorria  
a noite, a declinar, sem que trouxesse o dia.

Caíram: porque os Céus esperanças não dão  
a quem só ouve o bater do próprio coração.

-----